

Caio Nunes

Mestrado em Arquitetura e Urbanismo. Arquiteto, Instituto de Arquitetura e Urbanismo Universidad de São Paulo, São Carlos, Brasil
<https://orcid.org/0009-0009-4209-4387>
caiomn@outlook.com

Marcelo Tramontano

Doutoramento em Arquitetura e Urbanismo. Professor Associado do Instituto de Arquitetura e Urbanismo Universidad de São Paulo, São Carlos, Brasil
<https://orcid.org/0000-0002-0044-4432>
tramont@sc.usp.br

ARQUITETURA EFÊMERA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMAÇÃO URBANA: UMA ANÁLISE SISTÊMICA

EPHEMERAL ARCHITECTURE AS AN INSTRUMENT OF URBAN TRANSFORMATION: A SYSTEMIC ANALYSIS

ARQUITECTURA EFÍMERA COMO INSTRUMENTO DE TRANSFORMACIÓN URBANA: UN ANÁLISIS SISTÉMICO



Figura 0. *Tribuna Vecinal*, PICO Colectivo, 2014, Venezuela. Fonte: PICO Estudio (2014).

CAPES - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

RESUMO

Derivado de uma pesquisa de mestrado já concluída, este artigo analisa o papel da arquitetura efêmera em transformações urbanas contemporâneas, investigando como suas características específicas — temporalidade, flexibilidade e desmontabilidade — podem contribuir para a promoção de mudanças no espaço público. O objetivo principal é avaliar o potencial da arquitetura efêmera como instrumento de requalificação do espaço urbano, sob uma perspectiva sistêmica e complexa. Por meio de uma metodologia qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e pesquisa documental, foram examinados um conjunto significativo de projetos e teorias, abrangendo desde as contribuições seminais de Cedric Price e Archigram até intervenções contemporâneas na América Latina. A investigação revela que a condição efêmera, tradicionalmente vista como uma limitação, constitui uma qualidade estratégica, ao permitir maior experimentação e estar menos sujeita às restrições típicas de construções permanentes. A discussão realizada aponta que intervenções temporárias têm potencial significativo para ativar espaços subutilizados, catalisar processos de requalificação urbana e promover novas formas de uso e apropriação do espaço público. Conclui-se que a arquitetura efêmera, quando associada a uma abordagem sistêmica, configura-se como uma ferramenta projetual relevante para contextos urbanos que demandam intervenções ágeis e adaptáveis, especialmente em situações nas quais soluções permanentes seriam inviáveis ou inadequadas.

Palavras-chaves: arquitetura efêmera, espaço público, intervenções urbanas, requalificação urbana, sistemas

ABSTRACT

Based on the findings of a Master's research project, this article examines the role of ephemeral architecture in contemporary urban transformations, exploring how its specific characteristics—temporality, flexibility, and ease of disassembly—can contribute to changes in public space. The primary objective is to analyze the potential of ephemeral architecture as a tool for renovating urban space from a systemic and complex perspective. Through a qualitative methodology based on literature review and document analysis, we examine a substantial set of projects and theoretical contributions, from the seminal works of Cedric Price and Archigram to contemporary interventions in Latin America. The research reveals that ephemerality, traditionally perceived as a limitation, can instead be a strategic asset, allowing for greater experimentation and requiring fewer commitments to the typical restrictions of permanent constructions. The discussion indicates that temporary interventions have significant potential to activate underutilized spaces, catalyze urban requalification processes, and promote new forms of use and appropriation of public space. We conclude that ephemeral architecture, when linked to a systemic approach, can be a relevant design tool for urban contexts that require swift and adaptable interventions, particularly in situations where permanent solutions would be unfeasible or inadequate.

Keywords: ephemeral architecture, public space, urban interventions, urban requalification, systems

RESUMEN

Basado en una investigación de maestría finalizada, este artículo analiza el papel de la arquitectura efímera en las transformaciones urbanas contemporáneas, investigando cómo sus características específicas —temporalidad, flexibilidad y facilidad de desmontaje — pueden contribuir a la promoción de cambios en el espacio público. El objetivo principal es analizar el potencial de la arquitectura efímera como instrumento de renovación del espacio urbano, desde una perspectiva sistémica y compleja. A través de una metodología cualitativa, basada en revisión bibliográfica y análisis documental, examinamos un conjunto significativo de proyectos y teorías, desde las contribuciones seminales de Cedric Price y Archigram hasta intervenciones contemporáneas en América Latina. La investigación revela que la condición efímera, tradicionalmente vista como una limitación, se convierte en una calidad estratégica al permitir mayor experimentación y requerir menor compromiso con las restricciones típicas de construcciones permanentes. La discusión realizada señala que las intervenciones temporales tienen un potencial significativo para activar espacios subutilizados, catalizar procesos de recalificación urbana y promover nuevas formas de uso y apropiación del espacio público. Concluimos que la arquitectura efímera, vinculada a un enfoque sistémico, puede constituir una herramienta de diseño relevante para contextos urbanos que demandan intervenciones ágiles y adaptables, especialmente en situaciones donde las soluciones permanentes serían inviables o inadecuadas.

Palabras clave: arquitectura efímera, espacio público, intervenciones urbanas, renovación urbana, sistemas

INTRODUÇÃO

A efemeridade na Arquitetura, tanto no contexto histórico quanto na literatura especializada, apresenta diferentes definições e enfoques conceituais. Autores como Fontes (2011), Jodidio (2011), Kronenburg (2000), Molina Escobar (1999) e Paz (2008) referem-se a esta modalidade construtiva como arquitetura temporária, transitória, portátil ou efêmera. Ao analisarmos tais designações, verificamos que a palavra “efêmero” tem suas origens no grego antigo *ephemeros* (*εφίμερος*), que, em seu significado original, refere-se a algo que dura apenas um dia ou que possui curta duração. “Temporário” tem sua origem no latim *temporarius*, derivado de *tempus* (tempo), indicando a qualidade de algo que existe por uma duração determinada. “Portátil”, também de origem latina (*portare*), refere-se a algo que se possa carregar consigo. Por fim, “transitório”, do latim *transire*, denota algo que atravessa ou passa sem continuar.

Os termos “efêmero” e “temporário” indicam a importância da temporalidade na concepção destas edificações, sendo esta uma de suas principais premissas de projeto. Já os termos “portátil” e “transitório” elucidam a cinesia destas construções, projetadas para serem implantadas em um local com o pressuposto de que ali não permanecerão de forma duradoura, sendo posteriormente removidas. Todos os adjetivos mencionados se aplicam a objetos arquitetônicos efêmeros e destacam aspectos fundamentais dessa modalidade.

Diante da diversidade de significados e interpretações, este trabalho apresenta uma análise aprofundada da efemeridade na arquitetura, explorando suas definições e finalidades. O artigo tem como objetivo geral examinar o potencial da arquitetura efêmera como instrumento de requalificação do espaço urbano, sob uma perspectiva sistêmica e complexa. Como objetivos específicos, busca-se estabelecer um panorama histórico-conceitual das contribuições teóricas e técnicas para a arquitetura temporária e problematizar sua aplicabilidade como catalisadora de transformações espaciais e sociais. A pertinência deste estudo se justifica por sua relevância atual na América Latina, impulsionada por produções significativas de arquitetura efêmera realizadas por coletivos em diversos países da região (Blázquez, 2023).

A pesquisa adota uma metodologia qualitativa, composta por revisão bibliográfica e pesquisa documental. A revisão bibliográfica foi conduzida a partir de categorias analíticas, visando mapear e interpretar criticamente as abordagens teóricas sobre a efemeridade na arquitetura. A seleção de autores como Kronenburg (2000), Molina Escobar (1999) e Paz (2008) considerou sua influência e reconhecimento no campo, com base em publicações consolidadas e recorrentes na temática. As categorias analíticas – relativas aos conceitos, aplicações e problemáticas associadas à efemeridade – foram estabelecidas a partir da leitura exploratória da bibliografia selecionada e serviram como eixo para a discussão desenvolvida. Ademais, foram incorporados à revisão textos acadêmicos contemporâneos de autores latino-americanos, como Balem e Reyes (2021), Barragán (2023) e Noguera (2023), a fim de atualizar o debate e integrar perspectivas produzidas na região às discussões vigentes.

A análise documental, por sua vez, abrangeu projetos arquitetônicos paradigmáticos, como os de Cedric Price, Archigram, Buckminster Fuller e Jean Prouvé. Além disso, a partir do panorama apresentado de produções realizadas por coletivos de arquitetura latino-americanos, foram examinados projetos do grupo venezuelano PICO Colectivo. Para a elaboração de análises críticas, adotou-se a abordagem sistêmica e o Pensamento Complexo, fundamentados nas conceituações formuladas por Von Bertalanffy (1975), Morin (2008) e Morin (2011). A partir destas metateorias, buscou-se compreender o sistema constituído pela arquitetura efêmera ao ser inserida no espaço urbano, considerando as interações entre seus elementos materiais, espaciais e simbólicos, bem como os efeitos gerados nas dinâmicas sociais e urbanas.

O artigo está estruturado em três seções principais: (1) definições teóricas, nas quais se discutem conceitos fundamentais da arquitetura efêmera; (2) análise de exemplos históricos e contemporâneos, cotejados com os conceitos abordados; e (3) discussão sobre as possibilidades de aplicação contemporânea da arquitetura temporária e sua relação com o espaço urbano. Por fim, apresentam-se as considerações finais, que sintetizam as principais contribuições do estudo.

CONCEITUAIS DA ARQUITETURA EFÊMERA

Para Molina Escobar (1999), definir uma obra efêmera, em arquitetura, pode parecer uma contradição à primeira vista, pois contrapõe a fugacidade e a transitóridade do efêmero à solidez e permanência comumente associadas a uma obra arquitetônica. Pensar em uma arquitetura efêmera implica deslocar o projeto arquitetônico desse lugar perene, uma vez que ela se apresenta com o prenúncio de uma desaparição próxima, de modo que sua materialização já anuncia seu próprio fim (Molina Escobar, 1999).

Paz (2008) entende a arquitetura temporária como uma modalidade construtiva associada ao seu fim, pois ela só cumpre integralmente sua função designada após ser desconstruída. O autor afirma que uma construção que se apresenta transitoriamente no espaço interpela a própria ideia de arquitetura como espaço construído e permanente, noção fortalecida por um ideal de modernidade eurocêntrico. Em contrapartida, Barragán (2023) problematiza a identificação imediata entre efemeridade e brevidade na arquitetura, compreendendo o efêmero como uma condição densa, por concentrar, em um período limitado, significados e efeitos vinculados a temporalidades mais longas, especialmente quando articulado a processos sociais mais amplos.

Historicamente, a ideia de construções temporárias e portáteis não é nova. Muitas culturas, com suas próprias ideias de modernidade, entendem a arquitetura como temporária e impermanente. Kronenburg (2000) ressalta que, desde os primórdios da construção, os seres humanos recorrem a habitações temporárias, notoriamente povos originários e nômades de diferentes localidades. Esses povos elaboraram técnicas construtivas sofisticadas para a construção de abrigos, que mantêm sua relevância histórica.

FUNDAMENTOS HISTÓRICOS



Figura 1. Habitação coletiva de uma aldeia Yanomami: um *xapono* composto por *yāno* individuais. Fonte: *Survival Brasil* (2016).

Molina Escobar (1999) afirma que o ato de construir uma obra já vislumbrando sua futura demolição ou desmonte remete a antigas culturas, como a de povos do atual México, que viviam sob a crença de um tempo cíclico. Nessas sociedades, as construções eram demolidas periodicamente para renovação, sendo erguidas novas edificações sobre suas ruínas. Paz (2008) amplia essa perspectiva ao mencionar sociedades que concebem a arquitetura como algo perecível, integrado ao ciclo natural de seus materiais e à vida de seus usuários.

O *yāno*, habitação temporária desenvolvida pelo povo Yanomami na região amazônica brasileira e venezuelana, constitui um exemplo significativo de arquitetura efêmera vernacular. Segundo Benucci (2020), o *yānos* caracteriza-se por uma estrutura triangular básica composta por esteios e vigas, utilizando materiais locais como varas de madeira, palha e fibras vegetais, embora possa incorporar outros elementos. Ele serve tanto como abrigo temporário em incursões quanto como base para estruturas mais permanentes, incluindo as habitações coletivas denominadas *xapono* (Figura 1).

1 As Exposições Mundiais são grandes eventos internacionais em que países apresentam inovações científicas, cultura e progresso tecnológico, visando promover intercâmbio global. O órgão responsável por sua organização é o Bureau International des Expositions (BIE), fundado em 1928. Fonte: <https://www.bie-paris.org/site/en/about-world-expos>.

No contexto europeu, Puente (2000) e Bergdoll (2010) identificam dois momentos em que a arquitetura efêmera alcançou um novo patamar de importância. O primeiro ocorreu na Grande Exposição de Londres, em 1851 – a edição inaugural das Exposições Mundiais **I** – para a qual o arquiteto Joseph Paxton projetou o Palácio de Cristal. O segundo teve lugar na Exposição Nacional de Paris, em 1867, com a construção do *Palais du*

Champ de Mars e a introdução do conceito de pavilhão nacional. Ambas as exposições contribuíram para consolidar a ideia de que a modernidade poderia se manifestar por meio de edificações temporárias, estabelecendo-as como instrumentos de difusão do progresso industrial. Assim, a arquitetura efêmera não apenas materializava avanços técnicos, mas também se afirmava como símbolo de inovação, enquanto os pavilhões nacionais funcionavam como representações do poder e da identidade das nações (Bergdoll, 2010; Puente, 2000).

Com base em exemplos históricos provenientes de grandes exposições, Bolaños Linares (2023) avalia que a arquitetura efêmera, embora concebida como transitória, frequentemente adquire significados ou funções que excedem sua duração prevista, sendo, em muitos casos, preservada, reinterpretada ou reconstituída. Sua permanência estaria associada às relações que estabelece com o tecido urbano e com a memória coletiva. Tal possibilidade, no entanto, não anula sua concepção como objeto arquitetônico essencialmente provisório. Ao analisarmos edificações efêmeras, observamos que uma de suas qualidades advém do seu devir, um estado transitório de existência que lhe confere, desde o início, a condição de acontecimento, conforme sugere Molina Escobar (1999).

Paz (2008) argumenta que o potencial das construções temporárias reside em sua capacidade de transformar espaços tanto funcional quanto simbolicamente, ainda que por um período determinado. Em uma leitura sistêmica, a introdução de uma construção temporária em um ambiente altera suas dinâmicas e amplia as finalidades para as quais o espaço foi concebido originalmente, criando novas possibilidades de uso e interação. Sua efemeridade permite uma aplicação estratégica, principalmente em locais que não comportariam edificações permanentes. Nesse sentido, a efemeridade também se mostra valiosa por oferecer maior liberdade formal, possuir um caráter experimental e permitir tensionar as relações espaciais no contexto em que se insere (Bolaños Linares, 2023).

Para Kronenburg (2000), com as grandes transformações sociais resultantes das mudanças políticas e avanços tecnológicos da virada do milênio, o modo como se percebe o ambiente construído alterou-se drasticamente. Essas transformações se confirmam até o presente, impulsionadas pela crescente informatização dos modos de produção capitalista, pela aceleração dos modos de vida – caracterizada pela impermanência – e pela necessidade de se fornecerem respostas rápidas a questões urbanas. Nesse cenário, Noguera (2023) identifica na arquitetura efêmera um instrumento com potencial para atribuir novos significados aos espaços públicos e reverter processos de desvalorização e esvaziamento, criando situações que capturam o interesse coletivo e promovem novas interações sociais. A efemeridade, assim, revela-se uma ferramenta estratégica, oferecendo flexibilidade, adaptabilidade e alternativas para repensar o espaço construído.

SISTEMAS ADAPTATIVOS: CEDRIC PRICE E ARCHIGRAM

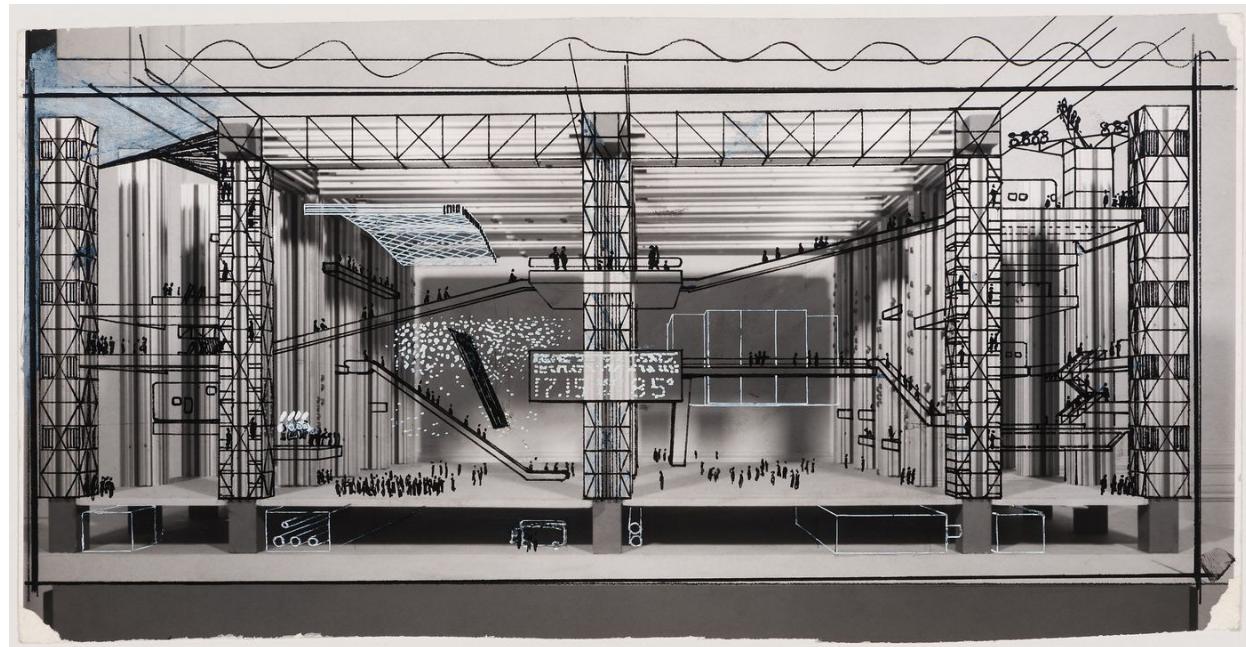


Figura 2. Perspectiva interior do *Fun Palace*, 1964. Fonte: Cedric Price fonds / Canadian Centre for Architecture (1964).

Nas décadas de 1960 e 1970, arquitetos ingleses desenvolveram projetos centrados nos ideais de flexibilidade, instantaneidade e efemeridade. Influenciados pelas novas tecnologias de comunicação em massa, por avanços nos meios de transporte e fundamentados na Cibernetica e em uma visão sistêmica de projeto, Cedric Price e o grupo britânico Archigram formularam conceitos inovadores para a arquitetura da época (Cook, 1999; Dunn, 2012; Wilken, 2007), os quais ainda permanecem relevantes.

Cedric Price possuía convicções controversas sobre a preservação patrimonial, defendendo que uma estrutura só deveria ser mantida enquanto fosse socialmente relevante (Mathews, 2006; Wilken, 2007). Price identificava, no Reino Unido, uma tendência a prolongar a vida de construções para muito além de qualquer possível usabilidade (Price, 1981) e argumentava que, uma vez diminuída a relevância de uma construção, ela deveria ser demolida e dar lugar a outra. Para ele, o desejo por mudanças no ambiente construído era inerente aos seus habitantes, algo que deveria ser estimulado pela arquitetura (Price, 2003).

A temporalidade desempenhava um papel central no pensamento de Cedric Price sobre o projeto de arquitetura, pois seria considerada uma quarta dimensão espacial, além do comprimento, largura e altura (Almeida, 2006). No projeto *Fun Palace*² (Figura 2), iniciado em 1961, Price previa a possibilidade de modificações no edifício ao longo do tempo, vislumbrando-o como um sistema aberto e altamente poroso (Isozaki, 2003), em sintonia com o pensamento sistêmico (Von Bertalanffy, 1975). Como mostra a Figura 2, o projeto foi concebido como um amplo centro multiprogramado de entretenimento temporário, composto por uma estrutura de aço em pórticos, sem vedações fixas e com elementos móveis. Por meio da integração entre tecnologias de

² Ver: <https://www.cca.qc.ca/en/archives/380477/cedric-price-fonds/396839/projects/399301-fun-palace-project>.



comunicação e componentes construtivos, o *Fun Palace* funcionaria como uma máquina capaz de se adaptar às necessidades e desejos de seus usuários (Mathews, 2006).

Essa ênfase na interação usuário-máquina e na possibilidade de um edifício responsável às ações de seus usuários tinha fundamento na Cibernetica³. A incorporação do *feedback loop* cibernetico como princípio do projeto caracterizaria o *Fun Palace* como resultante deste ciclo de interação (Almeida, 2006), configurando-o como um sistema complexo (Morin, 2008) em constante troca com seus usuários. Assim, o *Fun Palace* incorporava a temporalidade e a adaptabilidade de maneira radical, por meio da criação de uma estrutura flexível capaz de se reconfigurar e modificar seu próprio programa arquitetônico (Wilken, 2007).

Com concepções similares às de Price, o grupo britânico Archigram entendia que a arquitetura devia ir além dos princípios fundamentais de rigidez e estabilidade para atender às mudanças econômicas, sociais e culturais da sociedade europeia pós-Segunda Guerra. O grupo defendia uma visão intrinsecamente sistêmica como meio de se lidar com diversas variáveis simultâneas em um projeto. A sistematização visava coordenar necessidades humanas, funções tecnológicas e o ambiente como “[...] partes

Figura 3. Instant City, versão de Peter Cook, 1970. Fonte: Hobson (2020).

³ Além da proximidade de Cedric Price com o campo, o cibernetista e associado da Architectural Association School of Architecture Gordon Pask (1928-1996) participou como consultor do projeto.

de uma declaração completa para fundir cada aspecto em um todo positivo e correlacionado" (Sadler, 2005, p. 118, tradução nossa)⁴.

O grupo elaborou propostas baseadas em mobilidade, flexibilidade, mutabilidade e efemeridade (Silva, 2004), concebendo um de seus trabalhos mais representativos, a *Instant City*⁵, ilustrada conceitualmente na Figura 3, a partir de bases conceituais ciberneticas. Na proposta, os arquitetos recorreram à noção de uma máquina responsável ao *feedback* humano, que regularia um ambiente condicionado não apenas pela montagem de suas partes, mas por infinitas variáveis determinadas pelo desejo dos usuários (Cook, 1999). A *Instant City* funcionaria como um complexo arquitetônico móvel e multimídia, destinado a fornecer uma série de eventos e informações culturais em localidades distantes das metrópoles.

A proposta da *Instant City* constitui uma arquitetura do acontecimento capaz de interagir com diferentes comunidades e promover uma rede de informações que interliga diversas cidades durante sua ocorrência (Cook, 1999). Segundo Wilken (2007), a *Instant City* atuaria como um sistema complementar, articulador e dinamizador de processos culturais urbanos. Nessa articulação, evidencia-se uma visão sistêmica, materializada na criação de uma rede complexa de trocas de informações entre diferentes locais, capaz de estimular mudanças no contexto local.

Os trabalhos de Price e do Archigram contribuem para refletir não apenas sobre as possibilidades da arquitetura fora do *locus* das construções estáveis e duráveis, mas também sobre como incorporar a flexibilidade e a mutabilidade em projetos de caráter temporário. Tais experiências também elucidam um entendimento sistêmico e cibernetico do projeto de arquitetura, centrado na relação do objeto arquitetônico com seus usuários e com o ambiente no qual está inserido. Ambos propõem intervenções arquitetônicas como sistemas abertos e impermanentes, com espaços que favorecem encontros e interações, indo além de uma mera segregação de funções (Herdt, 2021; Sadler, 2005).

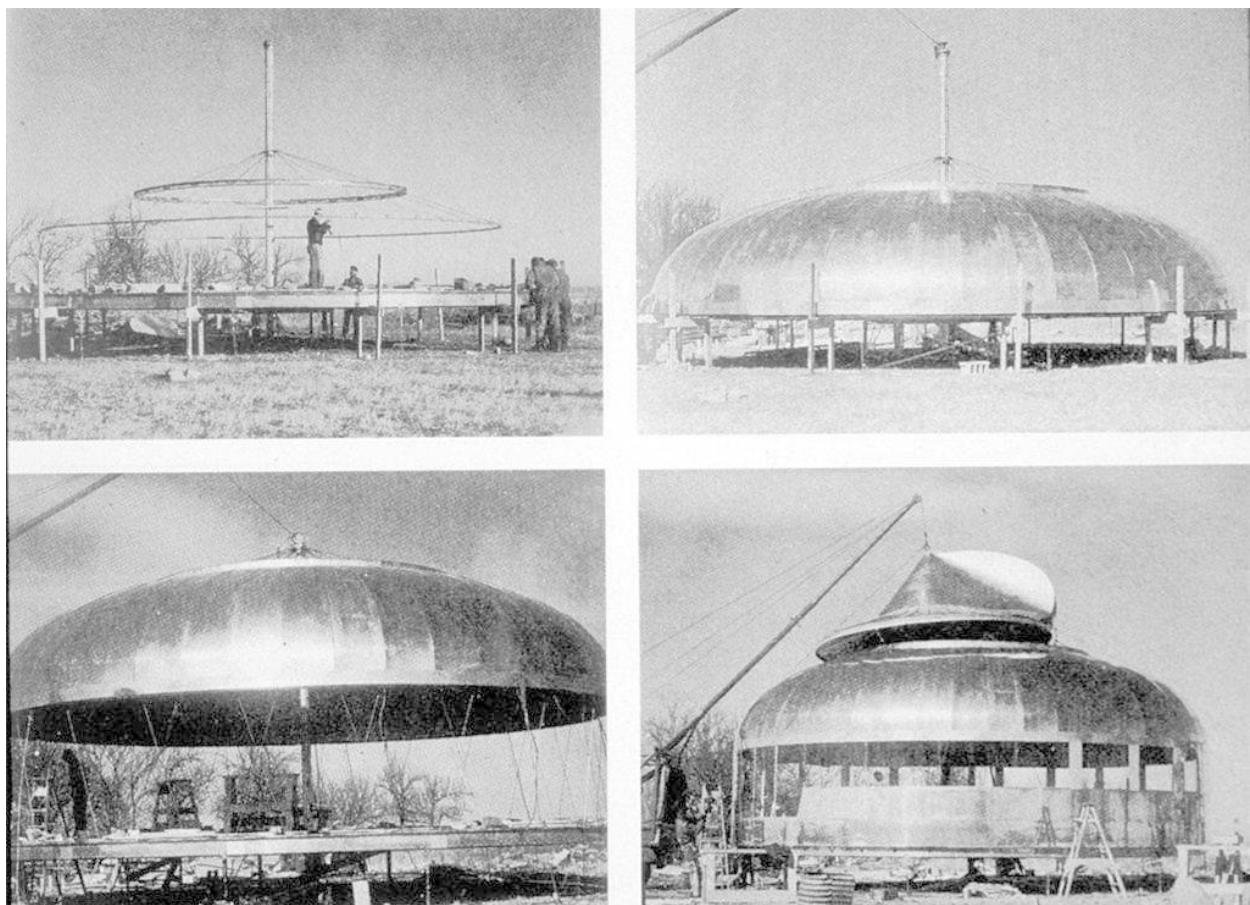
A *Instant City* permite pensar a construção temporária como um acontecimento no local onde é instalada, capaz de atribuir novos usos e funções, de maneira que sua inserção seria capaz de modificar as relações entre as partes que conformam o sistema constituído naquele espaço. Por fim, os trabalhos desses arquitetos oferecem subsídios para compreender a arquitetura efêmera e sua relação com o ambiente como um sistema complexo de partes em interação (Morin, 2011), o que representava, tanto para Price quanto para o Archigram, um estado de constante devir e de emergência de novidades (Isozaki, 2003; Sadler, 2005).

TÉCNICA E PRÉ-FABRICAÇÃO: BUCKMINSTER FULLER E JEAN PROUVÉ

A noção de arquitetura temporária engloba uma grande diversidade de técnicas e modos de projetar. Ainda que não haja relação direta entre a tecnologia construtiva escolhida e a efemeridade de uma construção (Paz,

⁴ Do original: "Our job is to co-ordinate them as parts of a complete statement to fuse every aspect into a positive related whole."

⁵ Ver: <https://platform-0.com/cook-peter-archigram-instant-city-1970/>.



2008), considera-se que essa relação se torna fundamental quando se adota como premissa de projeto que uma edificação seja temporária. Nesses casos, é de suma importância escolher técnicas construtivas que favoreçam a montagem e o desmonte, principalmente quando se visa uma posterior remontagem. Para discutir essa relação, analisamos os trabalhos de dois importantes arquitetos do século XX: o estadunidense Buckminster Fuller e o francês Jean Prouvé.

Reconhecidos expoentes da arquitetura em sua aproximação com a produção industrial, ambos buscaram incorporar tecnologias militares desenvolvidas principalmente no período da Segunda Guerra Mundial, para a resolução de problemas habitacionais. Sadler (2005) afirma que Fuller, nos Estados Unidos, e Prouvé, na França, adaptaram essa tecnologia para a construção civil, aproveitando a infraestrutura e os suprimentos excedentes da indústria aeronáutica. Os dois arquitetos empregaram componentes metálicos – principalmente em alumínio –, estruturas de fácil montagem e elementos construtivos pré-fabricados para desenvolver unidades residenciais emergenciais e outros modelos de habitação em formato de kits.

Buckminster Fuller, no projeto original da *Casa Dymaxion*, elaborou um sistema construtivo de montagem facilitada, com material abundante, reutilizável, de baixo nível de acabamento e com transporte otimizado, visando a produção em massa (Baldwin, 1997). Fuller projetou a casa para ser autossuficiente em termos energéticos, capaz de funcionar sem necessidade de recursos externos.

Figura 4. Sequência de montagem da Casa Dymaxion, de Fuller, em Wichita, EUA, em 1944. Fonte: *The Estate of R. Buckminster Fuller*. Compilação de Peter Lobner (2020).



Figura 5. Sequência de montagem de uma casa desmontável 8x8, projeto de Prouvé, de 1944. Protótipo construído pela galeria Patrick Seguin, em 2013, na França. Fonte: Imagens de Galerie Patrick Seguin. Compilação de Peter Lobner (2025).

Em seu projeto original, a *Casa Dymaxion* usaria cabos de tensão para ser suspensa do chão, sustentada por um pilar central com múltiplas funções, incluindo a de container para o transporte de suas partes (Buckminster Fuller Institute, 2022). O projeto, concebido por Fuller em 1927, só foi prototipado em 1944 com a casa Wichita. As intenções originais de Buckminster Fuller foram concretizadas no protótipo: estruturada ao redor de um mastro central com cabos de tensão e elevada do solo, como pode ser visto na Figura 4, a casa foi instalada em dois dias. A edificação necessitou de pouca fundação por ser formada por componentes leves, passíveis de serem carregados por apenas uma pessoa, com custos mínimos de manutenção e energia (Baldwin, 1997).

Prouvé, por sua vez, tinha a industrialização como premissa básica de projeto, mesmo em seus trabalhos anteriores à Segunda Guerra, e alicerçava-se na prática da oficina (Lavalou, 2005). Como resposta à crise habitacional da época, o arquiteto elaborou diversos projetos de casas pré-fabricadas e desmontáveis, seguindo alguns princípios estruturais, como: estruturação com um pórtico metálico axial; piso fixado em uma grelha de vigas metálicas, de modo que a casa apenas se apoiasse no terreno ou com fundação mínima; e sistema de vedação independente, como uma parede-cortina (Prouvé, 2024a). A exemplo das casas desmontáveis de Meudon, na França, os componentes eram leves, capazes de serem transportados em um caminhão e acoplados por uma só pessoa em poucos dias (Prouvé, 2024b). O sistema construtivo e o processo de montagem das casas desmontáveis⁶ (Figura 5) apresentam princípios arquitetônicos similares aos de um pavilhão temporário.

⁶ O *Palm Pavilion* (2006 – 2008), do artista tailandês Rirkrit Tiravanija, faz referência à *Maison Tropicale* de Jean Prouvé. O pavilhão faz parte do acervo do Instituto Inhotim, em Brumadinho, Minas Gerais. Fonte: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/palm-pavilion-rirkrit-tiravanija/>.

Observam-se nos trabalhos de Fuller e Prouvé importantes aspectos técnicos, que evidenciam a necessidade de projetar os sistemas construtivos pensando não apenas em suas partes individuais, mas principalmente nas interações entre elas. Enquanto a edificação permanente costuma ser concebida de maneira unitária, a construção efêmera é projetada como uma edificação segmentada em elementos menores (Paz, 2008). É nesse sentido

que Kronenburg (2000) afirma que edificações temporárias são elaboradas com a intenção de facilitar sua montagem em locais distantes de sua fabricação. Estratégias adotadas para o transporte podem envolver sistemas de peças modulares, peças transportadas em *clusters* – como um pacote parcialmente completo e depois montado no local – e até mesmo objetos arquitetônicos transportados de maneira inteiriça.

Preocupações com a partição de edificações para seu transporte e montagem estão presentes em ambos os trabalhos analisados. A noção do objeto arquitetônico como um kit de partes aparece nos projetos mencionados de Buckminster Fuller e Jean Prouvé, ambos constituindo propostas que priorizavam um processo de montagem facilitado e uma quantidade reduzida de peças (Baldwin, 1997; Prouvé, 2024a). Price também projetou o *Fun Palace* segundo tal noção, concebendo-o como uma edificação de partes recombináveis e de montagem rápida, formada por componentes leves e destacáveis (Isozaki, 2003). Além disso, certos procedimentos de montagem inviabilizam a desmontagem posterior do objeto arquitetônico, como ocorre em junções químicas de elementos construtivos (Paz, 2008). Para que a desmontagem seja possível, é essencial pensar em processos que não deformem as partes nem as interliguem de maneira permanente.

Segundo Kronenburg (2000), edificações temporárias demandam montagem e desmontagem simplificadas, o que leva à adoção de estratégias construtivas baseadas em sistemas pré-fabricados, juntas secas e componentes repetitivos. Como já discutido, tais estratégias, preconizadas nos projetos habitacionais de Prouvé e Fuller – pioneiros na aplicação da pré-fabricação para esse propósito (Baldwin, 1997; Lavalou, 2005) –, evidenciam a importância de se compreender de forma sistêmica as partes que compõem a construção e suas inter-relações para o desenvolvimento de edificações desmontáveis, orientando escolhas de transporte, montagem e armazenamento (Von Bertalanffy, 1975). O uso de materiais leves, a adoção de juntas secas, a modulação dos componentes e a racionalização do processo construtivo exemplificam como decisões técnicas podem favorecer tanto a montagem quanto o eventual desmonte da edificação. Essa compreensão relaciona-se aos princípios de flexibilidade e adaptabilidade, bem como à visão complexa das relações entre espaço urbano, construções e usuários presentes nos projetos de Cedric Price e do Archigram, na concepção de soluções arquitetônicas efêmeras.

Considerando as particularidades construtivas apresentadas, buscamos entender como objetos arquitetônicos temporários podem funcionar como instrumentos de intervenção no espaço público, ampliando as possibilidades de sua apropriação por parte dos usuários e atendendo a demandas urbanas e sociais específicas. Apresentamos, neste item, uma análise sistêmica e complexa desta questão, articulada a exemplos projetuais latino-americanos que oferecem perspectivas sobre o potencial das arquiteturas efêmeras para promover processos de ressignificação e requalificação espacial.

Entendemos o conjunto formado por espaço urbano, construção e usos

EFEMERIDADE E O ESPAÇO PÚBLICO

como partes constituintes de um sistema (Von Bertalanffy, 1975). O espaço urbano, sem o objeto arquitetônico efêmero, mantém determinados usos e dinâmicas entre suas partes. A inserção do objeto ou de elementos que constituam um ambiente temporário acrescenta novas partes ao espaço e, consequentemente, novas interações. O sistema é, assim, significativamente alterado, pois a introdução da edificação reorganiza fluxos, usos e relações preexistentes, possibilitando a emergência de novas dinâmicas sociais (Morin, 2011). Como destaca Nogueira (2023), tais reconfigurações sistêmicas transitórias reativam o uso coletivo do lugar e estabelecem novos vínculos simbólicos dos usuários com o espaço público.

Um exemplo cotidiano de intervenção temporária que ocasiona alterações significativas na relação indivíduo-espacó público são as feiras urbanas. O lugar de instalação de feiras, em dias usuais, desempenha funções específicas: por vezes, são praças de baixa movimentação e ruído; em outras, vias de uso exclusivo para o trânsito de automóveis. As partes, nestes casos, conformam um sistema aparentemente consolidado. Com a feira, uma miríade de novos objetos e usuários passa a ocupar o espaço, conformando um novo sistema, com outras interações e atores, dotando-o de uma dinâmica totalmente distinta e possibilitando novas emergências.

Ao final da feira, os objetos serão retirados do local e aquele sistema deixa de existir naquela configuração. Esses objetos podem ser armazenados ou reutilizados em outro local, mas o sistema por eles conformado é temporário. Para Paz (2012), a criação desse ambiente transitório contraria a imagem consolidada do espaço urbano designado exclusivamente para uma mesma atividade, como um sistema fechado. Kronenburg (2000) e Fontes (2011) afirmam que instalações efêmeras, ao modificar temporariamente a paisagem, podem ampliar e diversificar a visão do indivíduo a respeito do ambiente em que vive, levando-o a reconhecer melhor seus potenciais e atributos negativos e positivos. Nesse âmbito, Nogueira (2023) argumenta que, embora desapareçam fisicamente, intervenções efêmeras podem deixar marcas duradouras na memória coletiva, transformando a percepção do cidadão sobre o lugar e fortalecendo mobilizações por um uso mais qualificado do espaço público.

Destarte, sob uma perspectiva sistêmica, intervenções temporárias reúnem condições de modificar o engajamento do indivíduo com espaços públicos, mesmo aqueles anteriormente considerados hostis ou desinteressantes. Constata-se que a arquitetura temporária pode fornecer novas funções a locais que, à primeira vista, não poderiam ser utilizados de outra maneira (Kronenburg, 2000; Paz, 2008). Ademais, considerando a isenção de algumas formalidades que normalmente recaem sobre construções permanentes, objetos arquitetônicos temporários podem funcionar como laboratórios de experimentação, permitindo que projetistas e usuários testem e visualizem novas ideias no campo da arquitetura e do urbanismo (Fontes, 2011; Jodidio, 2011).

No entanto, Barragán (2023) pondera que o potencial transformativo de intervenções temporárias é enfraquecido quando elas são realizadas sob a égide exclusiva do mercado privado, como suporte para promoções de grandes empresas ou eventos midiáticos. Nesse caso, segundo o autor, a arquitetura efêmera tende a



reforçar uma lógica de consumo acelerado, contribuindo para a mercantilização do espaço urbano. Tanto Barragán (2023) quanto Noguera (2023) reforçam a necessidade de construir uma práxis crítica para as arquiteturas efêmeras na América Latina, alicerçada em uma visão sistêmica da realidade sociocultural da região. Defende-se o desenvolvimento de um pensamento próprio sobre a efemeridade, suas formas de materialização e modos de aplicação em processos de requalificação urbana.

Nesse sentido, coletivos de arquitetura latino-americanos surgidos nas primeiras décadas do século XXI apontam para práticas arquitetônicas alternativas, frequentemente envolvendo edificações efêmeras. Segundo Blázquez (2023), esses coletivos reinterpretam formas de atuação coletiva do século anterior, como o próprio Archigram, adotando modelos colaborativos para responder a transformações sociais, econômicas e políticas específicas da América Latina. Recorrentemente, atuam em contato direto com as comunidades, articulando o fazer arquitetônico à participação comunitária. Tal práxis se aproxima do que Balem e Reyes (2021) entendem como práticas urbanas insurgentes: formas não normativas de fazer e usar a cidade, que se colocam como alternativa aos modelos hegemônicos⁷. Essas práticas se caracterizam por intervenções temporárias e transformações espaciais de curta duração, mas de impacto político e simbólico significativo.

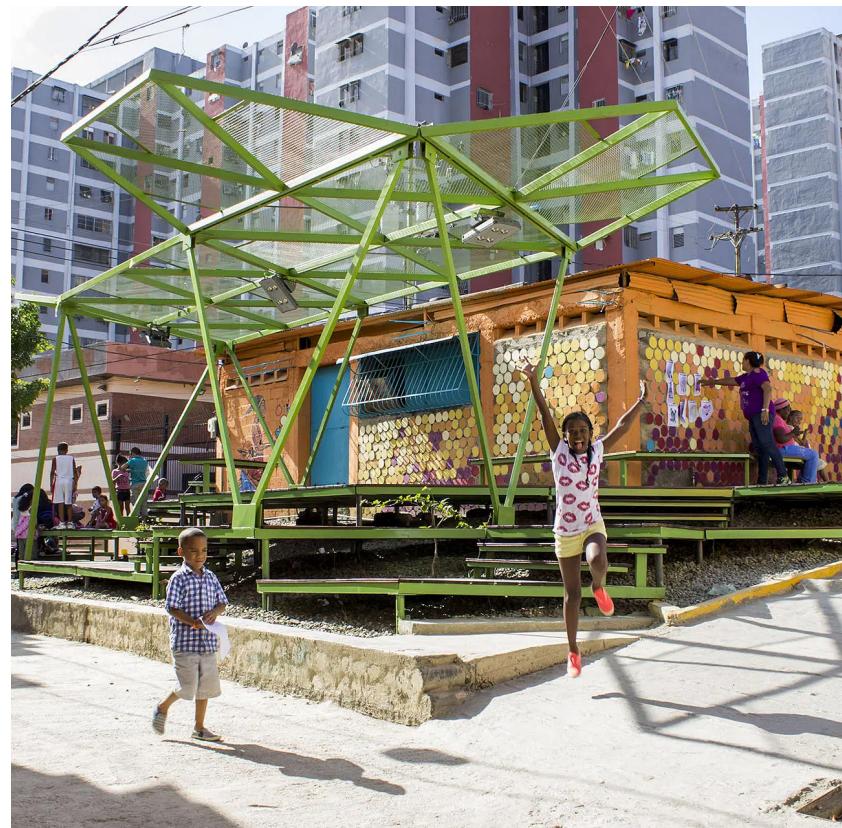
Os coletivos latino-americanos incluem República Portátil (Chile), Al Borde (Equador), Matéricos Periféricos (Argentina), Arquitectura Expandida (Colômbia), Arquitetura na Periferia (Brasil) e PICO Colectivo (Venezuela). Entre eles, identificamos no grupo venezuelano PICO Colectivo (2017) uma prática de caráter

Figura 6. Polideportivo Reducido, PICO Colectivo, 2017, Venezuela. Fonte: editado pelos autores, com base em AGA Estudio (2016).

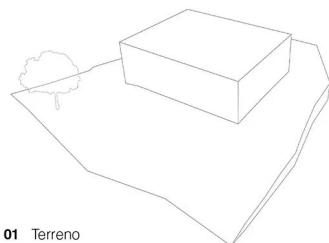
⁷ Em uma escala distinta da analisada neste artigo, Mehrotra e Vera (2017) conceituam como “urbanismo efêmero” práticas não-hegemônicas que adotam soluções temporárias e flexíveis para questões urbanas.

Figura 7. *Tribuna Vecinal*, PICO Colectivo, 2014, Venezuela.
 Fonte: PICO Estudio (2014).

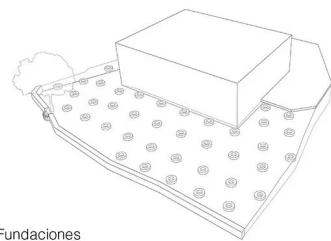
Figura 8. Sequência construtiva da *Tribuna Vecinal*, do PICO Colectivo. Fonte: PICO Estudio (2014).



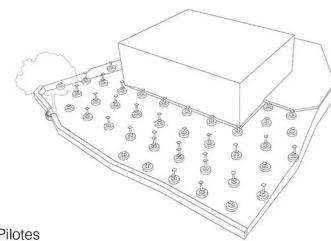
Secuencia Constructiva



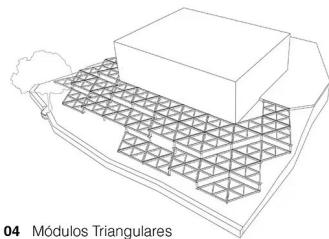
01 Terreno



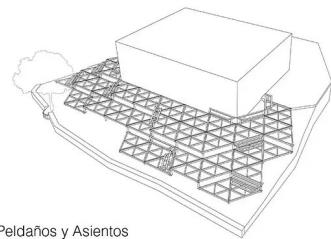
02 Fundaciones



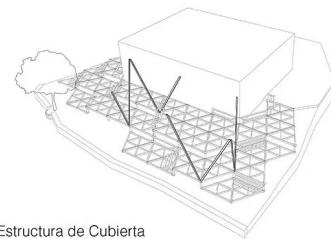
03 Pilotes



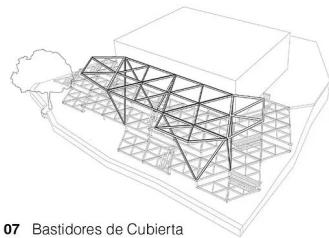
04 Módulos Triangulares



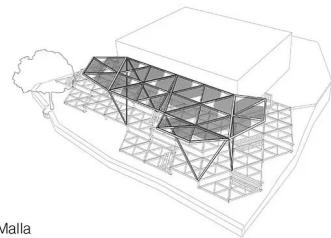
05 Peldaños y Asientos



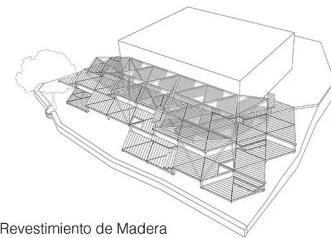
06 Estructura de Cubierta



07 Bastidores de Cubierta



08 Malla



09 Revestimiento de Madera

sistêmico e complexo que utiliza objetos arquitetônicos temporários como instrumentos de requalificação em rede, com base em demandas comunitárias (Morin, 2011; Von Bertalanffy, 1975).

O processo de projeto do PICO Colectivo (2017) envolve a população local, estudantes de arquitetura e o uso de materiais doados ou acessíveis, reunindo diferentes agentes e recursos. A edificação não é concebida como uma solução isolada, mas como instrumento de articulação espacial e social capaz de responder a múltiplas demandas. Conforme aponta Vieira (2021), a construção busca viabilizar um projeto social mais amplo, voltado à ativação de processos de organização comunitária nos âmbitos econômico, político e cultural. O projeto *Polideportivo Reducido* – também conhecido como *Multideportivo La Canchita* – é um exemplo dessa abordagem. Na Figura 6, observa-se que o grupo procurou integrar diferentes usos na reativação de espaços subutilizados, aproveitando as dimensões e a declividade do terreno por meio de elementos fixos e móveis. Espaços recreativos e de estar são dispostos em múltiplas camadas, suportados por muros de contenção, interligando dois bairros vizinhos. As arquibancadas, recorrentes nessas intervenções, operam como dispositivos de mediação social e de reapropriação do espaço urbano.

O programa de intervenções pontuais *Espacios de Paz* (PICO Colectivo, 2017) é concebido pelo grupo como um processo de microcirurgias urbanas, atuando em espaços segregados – como lotes vazios e áreas públicas residuais – com o objetivo de transformá-los em espaços de convivência. Um exemplo, no âmbito de edificações temporárias, é o projeto *Tribuna Vecinal* (Figura 7), equipamento desmontável que funciona como área pública multiuso e cuja construção envolveu atores e não de obra locais. Além da requalificação da área, o grupo visava empoderar a comunidade, integrando-a aos processos de concepção, construção, coordenação e gestão do equipamento. Como resultado, o PICO Colectivo elaborou e construiu, junto à comunidade, um objeto arquitetônico replicável de forma independente, uma vez que o processo de montagem foi ilustrado e sistematizado (Figura 8).

Nos dois projetos apresentados, observam-se princípios presentes nos trabalhos de Price, Archigram, Fuller e Prouvé. Os sistemas construtivos de ambos empregam componentes pré-fabricados e leves, em estruturas metálicas passíveis de serem desmontadas e remontadas. Destaca-se que o uso de elementos metálicos pelo PICO Colectivo é estratégico, pois o grupo emprega peças de aço delgadas e de pequenas dimensões para facilitar o transporte em áreas densamente construídas e agilizar a montagem junto à comunidade (Vieira, 2021). A estrutura metálica oferece durabilidade e flexibilidade para construções em áreas de morfologia irregular e acidentada, como é típico em regiões periféricas de grandes cidades da América Latina.

As propostas do PICO Colectivo revelam um entendimento sistêmico, à semelhança de Price, ao conceber o objeto arquitetônico como instrumento de intervenção no ambiente construído. Price aplicou este princípio no edifício *Inter-Action Centre*⁸ (Herdt, 2021), pondo em prática parte dos preceitos estabelecidos com o *Fun Palace*. Sua intenção era criar um espaço comunitário que funcionasse como facilitador de interações sociais e atividades culturais, admitindo a emergência de melhorias propostas por seus usuários. Assim como no programa de intervenções *Espacios de Paz*, sua instalação integrava um processo de regeneração urbana e social do entorno,

⁸ Ver: <https://www.cca.qc.ca/en/archives/380477/cedric-price-fonds/396839/projects/406080/inter-action-centre>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

atuando como dispositivo requalificador (Herdt, 2021). O PICO Colectivo, bem como outros coletivos mencionados anteriormente, reinterpreta essa lógica de instrumentalização arquitetônica sob uma ótica latino-americana, empregando arquiteturas efêmeras como vetores de processos colaborativos de requalificação urbana, sobretudo em entornos negligenciados pelo Estado.

Por meio do estudo de conceitos fundamentais e abordagens projetuais, foi possível compreender neste trabalho como objetos arquitetônicos temporários podem reconfigurar espaços e engendrar novas dinâmicas de uso, promovendo experiências que desafiam percepções consolidadas dos lugares. Verificou-se que a transitoriedade, longe de representar uma limitação, constitui um aspecto estratégico, ao oportunizar maior liberdade de experimentação e reduzir a vinculação a formalidades típicas de construções permanentes, possibilitando intervenções em contextos nos quais edificações permanentes seriam inviáveis ou inadequadas.

Os projetos examinados – desde as propostas visionárias de Price e Archigram até as intervenções do PICO Colectivo – demonstram como a arquitetura temporária, à luz da Complexidade, pode provocar alterações sistêmicas em espaços urbanos. Observou-se que, quando uma edificação efêmera é inserida no contexto, ela atua como um elemento perturbador que desencadeia novas interações entre usuários e ambiente e permite que o sistema se reorganize em configurações mais ricas em experiências e possibilidades. Nos projetos *Polideportivo Reducido* e *Tribuna Vecinal*, identificamos, no contexto latino-americano, como um processo de projeto pode promover a articulação comunitária em torno de um equipamento público. O objeto arquitetônico de uso coletivo, por sua vez, atua como instrumento de reorganização social e requalificação do espaço urbano.

Constatou-se que a dimensão técnica, explorada nos trabalhos de Fuller e Prouvé e reinterpretada em projetos contemporâneos, mostra-se fundamental para viabilizar a capacidade transformadora da arquitetura efêmera. Os sistemas construtivos baseados em componentes pré-fabricados, leves e desmontáveis não apenas facilitam aspectos logísticos, mas também possibilitam diferentes níveis de envolvimento comunitário, como verificado nos trabalhos do PICO Colectivo. Esse aspecto reforça o potencial da arquitetura temporária como dispositivo para que comunidades participem ativamente da transformação de seus territórios, seja por meio do engajamento direto na construção, seja pela apropriação e ressignificação dos espaços criados.

Contudo, a análise desenvolvida apresenta limitações metodológicas. Para formular afirmações mais precisas sobre o potencial da arquitetura efêmera, seria necessário realizar um acompanhamento longitudinal do impacto de diferentes intervenções, tanto nas dinâmicas sociais das comunidades atendidas quanto na memória social coletiva. Entretanto, conforme objetivado, foram delineados aspectos fundamentais da modalidade construtiva e discutidas suas aplicações sob uma perspectiva sistêmica. Espera-se, assim, contribuir para o debate sobre a efemeridade na Arquitetura, apoiando a formulação de uma abordagem projetual responsável às demandas contemporâneas.

Conceitualização, C.N. y M.T.; Curadoria de dados, C.N.; Análise formal, C.N.; Aquisição de financiamento; Investigação, C.N.; Metodologia, C.N. y M.T.; Administração do projeto, M.T.; Recursos; Software; Supervisão, M.T.; Validação, M.T.; Visualização, M.T.; Redação – rascunho original, C.N.; Redação – revisão e edição, C.N. y M.T.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. O artigo é derivado de temas abordados na dissertação de mestrado “Efemeridade e auto-organização: design paramétrico na concepção de equipamentos públicos temporários”, pesquisa realizada no âmbito do grupo Nomads.usp, do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAUUSP).

AGA Estudio. (2016). *Multideportivo La Canchita*. AGA Estudio. <https://www.agaestudio.com/1100-la-canchita>

Almeida, C. (2006). *Estudos de caso: Fun Palace [1960-1961]*. Nomads. http://www.nomads.usp.br/pesquisas/cultura_digital/complexidade/CASOS/FUN%20PALACE/FUN%20PALACE.htm

Baldwin, J. (1997). *BuckyWorks: Buckminster Fuller's Ideas for Today* (1st ed). Wiley.

Balem, T., e Reyes, P. (2021). *Cidade Efêmera, Práticas Urbanas Insurgentes. Temporary City, Insurgent Urban Practices Ciudad Efímera, Prácticas Urbanas Insurgentes. Eixo Temático: Projeto, Políticas E Práticas*. ENANPARQ, VI Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. <https://enanparq2020.s3.amazonaws.com/MT/21790.pdf>

Barragán, A. O. (2023). La densidad temporal del espacio social. Una aproximación a la arquitectura efímera desde la filosofía de la cultura em M. T. Delfín (Org.), *Arquitectura efímera. Reflexiones sobre la mutabilidad del espacio construido* (pp. 16–31). Universidad Nacional Autónoma de México. <https://repositorio.fa.unam.mx/handle/123456789/19089>

Benucci, T. M. (2020). *O jeito yanomami de pendurar redes* [Tese de mestrado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital USP. <https://doi.org/10.111606/D.8.2020.tde-09032021-171034>

Bergdoll, B. (2010). The Pavilion and the Expanded Possibilities of Architecture em B. Bergdoll, J. Bettum, P. Schmal, & B. van Berkel (Orgs.), *The Pavilion: Pleasure & Polemics in Architecture* (Bilingual). Hatje Cantz.

Blázquez, F. (2023). Los colectivos de arquitectura latinoamericanos en el siglo XXI. Revisiones en el quehacer profesional. *Dearq*, (37), 24-31. <https://doi.org/10.18389/dearq37.2023.03>

Bolaños Linares, R. B. (2023). Prototipos efímeros del ámbito universitario en el espacio público em M. Trápaga Delfín (Coord.), *Arquitectura efímera: Reflexiones sobre la mutabilidad del espacio construido* (p. 180–192). Universidad Nacional Autónoma de México. Facultad de Arquitectura. Repositorio de la Facultad de Arquitectura. <https://repositorio.fa.unam.mx/handle/123456789/19089>

CONTRIBUCIÓN DE AUTORES CRediT

AGRADECIMIENTOS

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Buckminster Fuller Institute. (2022). *Dymaxion House*. Buckminster Fuller Institute. <https://www.bfi.org/about-fuller/big-ideas/dymaxion-house/>

Cedric Price fonds. (1964). *Fun Palace: Interior perspective* [Fotografias]. Collection Centre Canadien d'Architecture. <https://www.cca.qc.ca/en/search/details/collection/object/17580>

Cook, P. (Ed.) (1999). *Archigram* (1st ed). Princeton Architectural Press.

Dunn, N. (2012). *Digital Fabrication in Architecture*. Laurence King Publishing.

Fontes, A. S. (2011). *Intervenções temporárias, marcas permanentes: A amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades* [Tese Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. <http://objdig.ufrj.br/21/teses/760108.pdf>

Herdt, T. (2021). From Cybernetics to an Architecture of Ecology: Cedric Price's Inter-Action Centre. *FOOTPRINT*, 15(1), 45–62. <https://doi.org/10.7480/footprint.15.1.4946>

Hobson, B. (2020, maio 13). *Archigram's Instant City* concept enables “a village to become a kind of city for a week” says Peter Cook. Dezeen. [https://www.dezeen.com/2020/05/13/archigram-instant-city-peter-cook-video-interview-vdf/amp/](https://www.dezeen.com/2020/05/13/archigram-instant-city-peter-cook-video-interview-vdf/)

Isozaki, A. (2003). Erasing Architecture Into the System em C. Price, *Re:CP* by Cedric Price. Birkhäuser Architecture

Jodidio, P. (2011). *Temporary Architecture Now!: Temporäre Architektur heute! L'Architecture Éphémère d'aujourd'hui!* (1st ed). Taschen America Llc.

Kronenburg, R. (2000). *Portable Architecture*. (2nd ed). Elsevier/Architectural Press.

Lavalou, A. (Ed.). (2005). *Conversas com Jean Prouvé* (1a ed). Editora Gustavo Gili.

Lobner, P. (2020). *Beech Aircraft Corporation and R. Buckminster Fuller's Dymaxion house*. The Lyncean Group of San Diego. <https://lynceans.org/wp-content/uploads/2020/06/Beech-Aircraft-Buckminster-Fuller-Dymaxion-house-converted.pdf>

Lobner, P. (2025). *Jean Prouvé and the Demountable House*. The Lyncean Group of San Diego. <https://lynceans.org/wp-content/uploads/2020/06/Jean-Prouv%C3%A9-demountable-houses-converted.pdf>

Mathews, S. (2006). The Fun Palace as Virtual Architecture: Cedric Price and the Practices of Indeterminacy. *Journal of Architectural Education*, 59(3), 39–48. <https://doi.org/10.1111/j.1531-314X.2006.00032.x>

Mehrotra, R., e Vera, F. (2017). Ephemeral urbanism: Looking at extreme temporalities em T. Haas e H. Westlund (Eds.), *In The Post-Urban World: Emergent Transformation of Cities and Regions in the Innovative Global Economy* (1º ed, pp. 44–55). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315672168>

Molina Escobar, V. (1999). *¿Pensar lo efímero?* em S. Roqueta Matías & J. M. Fort Mir (Eds.), *Arquitectura, art i espai efímer* (1º ed, pp. 15–21). Edicions UPC

Morin, E. (2008). *O método I: A natureza da natureza* (2º ed.). Sulina.

Morin, E. (2011). *Introdução ao pensamento complexo* (4º ed.). Sulina.

Noguera, B. B. (2023). Revitalización del espacio público a través de instalaciones efímeras como activadores sociales y agentes de cambio em M. Trápaga Delfín (Coord.), *Arquitectura efímera: Reflexiones sobre la mutabilidad del espacio construido* (p. 201–211). Universidad Nacional Autónoma de México, Facultad de Arquitectura.

Paz, D. (2008). Arquitetura efêmera ou transitória. Esboços de uma caracterização. *Arquitextos*, (102.06). <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.102/97>

Paz, D. (18-21 de setembro de 2012). O Lugar evanescente: Características da arquitetura efêmera no sítio. *II Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Teorias e práticas na arquitetura e na cidade contemporâneas: complexidade, mobilidade, memória e sustentabilidade*, Natal. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32967>

PICO Colectivo. (2017). *Proyecto de interés comunal Infraestructuras de empoderamiento social: Contextos emergentes en Venezuela*. https://www.academia.edu/45659274/Vol_I_Infraestructuras_de_Empoderamiento_Social_Contextos_emergentes_en_Venezuela

PICO Estudio. (2014). *Espacios de Paz – Venezuela*. Divisare. <https://divisare.com/projects/274169-pico-estudio-espacios-de-paz-venezuela>

Price, C. (1981). The built environment—The case against conservation. *Environmentalist*, 1(1), 39–41. <https://doi.org/10.1007/BF02239375>

Price, C. (2003). *Re:CP by Cedric Price*. Birkhauser.

Prouvé, J. (2024a). *6x9 Demountable house, 1944*. Architecture. SCE Jean Prouvé & Société Bergerot. <https://www.jeanprouve.com/en/fiche/1944-8>

Prouvé, J. (2024b). *“Standart” house, Meudon, 1951*. Architecture. SCE Jean Prouvé & Société Bergerot. <https://www.jeanprouve.com/en/fiche/1951-34>

Puente, M. (2000). *Exhibition Pavilions: 100 Years*. Editorial Gustavo Gili, S.L.

Sadler, S. (2005). *Archigram: Architecture Without Architecture*. The MIT Press.

Silva, M. S. K. da. (2004). Redescobrindo a arquitetura do Archigram. *Arquitextos*, (048.05). <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.048/585>

Survival Brasil. (17 de novembro de 2016). *Novas fotos incríveis de um povo isolado na Amazônia – que pode ser extermínada*. Survival. <https://survivalbrasil.org/ultimas-noticias/11504>

Vieira, C. L. F. (2021). *Espacios de Paz: Uma experiência na Venezuela* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório Institucional da UFPB. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21315>

Von Bertalanffy, L. (1975). *Teoria Geral dos Sistemas* (2a ed). Vozes.

Wilken, R. (2007). Calculated Uncertainty: Computers, Chance Encounters, and “Community” in the Work of Cedric Price. *TRANSFORMATIONS Journal of Media & Culture*, (14). http://www.transformationsjournal.org/wp-content/uploads/2017/01/Wilken_Transformations14.pdf